12399 - A Associação Agroecológica de Ouro Fino/MG – uma alternativa para os pequenos produtores de café e hortaliças.

The Agroecological Association of Ouro Fino/MG – an alternative for small coffee and vegetable producers.

CAMARGO, Regina Aparecida Leite de ¹
OLIVEIRA, Julieta Teresa Aier de ²

¹UNESP/Jaboticabal, regina@fcav.unesp.br; ²Unicamp/Campinas, julieta@feagri.unicamp.br;

Resumo: A agricultura familiar predomina no município de Ouro Fino, situado nas franjas da Serra da Mantiqueira, no sul do estado de Minas Gerais. Embora a cultura do café apareça como corro chefe na região, cultivos de frutas e hortaliças compõem a paisagem formada pelas pequenas propriedades. Esse trabalho recupera a história dos doze anos de existência da Associação Agroecológica de Ouro Fino (AAOF), suas conquistas e desafios, bem como sua contribuição para o desenvolvimento de sistemas produtivos viáveis economicamente e ambiental e socialmente. O texto analisa ainda as razões que levaram os atuais membros da AAOF a aderirem a um modelo diferenciado de produção e porque outros produtores ainda relutam em fazer o mesmo.

Palavras-Chave: Associação de produtores, agricultura familiar, mercado agroecológico

Abstract: Family farming predominates in Ouro Fino, located in the outskirts of Serra da Mantiqueira in the southern part of the state of Minas Gerais. Although coffee is the main crop growing in the area, fruits and vegetable crops help to complement the landscape resulting from a variety of small properties. This work traces back the trajectory of the Agroecological Association of Ouro Fino (AAOF) during its twelve years of existence, its achievements and challenges as well as its contribution for the development of productive systems viable economically and social and environmentally. The text also analyses the reasons that led the present members of AAOF to opt for a differentiated model of production and why other similar farmers are still reluctant to do the same.

Key Words: Farmers association, family farming, agroecological markets

Introdução

Pensar na agricultura atualmente suscita indagações que colocam em questão a própria função dessa atividade fundamental para a sobrevivência da humanidade. Se por um lado o crescente aumento da população e as crises recentes no abastecimento mundial de alimentos enfatizam a necessidade de um incremento futuro na oferta de gêneros alimentícios, por outro a degradação ambiental decorrente das práticas da chamada agricultura moderna torna imperativo que o aumento da produção e da produtividade se realize sobre a égide da sustentabilidade. Mas a agricultura deve ainda concorrer para a preservação ou mesmo a criação de paisagens naturais e humanas que resgatem o rural como espaço habitado e locus de qualidade de vida.

A agricultura familiar tem sido apontada como portadora de uma habilidade natural para o cumprimento do que se convencionou denominar a multifuncionalidade da agricultura. A

intrínseca ligação entre produção, consumo e mão-de-obra familiar que caracteriza esse tipo de produção corrobora para a manutenção de estabelecimentos agrícolas mais diversificados, ainda que muitas vezes carentes de alternativas que garantam sua sustentabilidade econômica. (Silveira e Marques, 2009)

O município de Ouro Fino é portador de uma beleza que associa as montanhas do sul das Minas Gerais com uma paisagem formada por um mosaico de cultivos e criações. Mais de 84% dos estabelecimentos agropecuários do município foram classificados como familiares pelo IBGE no censo de 2006. A cultura do café, presente no município desde meados do século XIX, permite a sobrevivência de pequenas propriedades com menos de 10 ha e manejadas quase que exclusivamente com mão-de-obra familiar. No entanto, o relevo ondulado, com variações de declividade entre 30 a 40% nas áreas onde se encontram a maior parte das culturas cafeeiras, a predominância de solos classificados como latossolos vermelho –amarelo, profundos, bem desenvolvidos, mas de baixa fertilidade, pobres em fósforo, com tendência a acidez e a compactação do horizonte B, tornam a região propícia à erosão. A cobertura permanente do solo e a mescla de plantas arbustivas como o café com árvores de maior porte são fundamentais para garantir o equilíbrio natural.

O café produzido na região é classificado como “bebida dura” ou “sem bebida”, ou seja, mesmo os grãos de melhor qualidade não conseguem receber a classificação mais nobre de “bebida mole”. A falta de controle dos produtores locais sobre o preço pago por seu produto e a dependência de insumos químicos confirmam o processo de mercantilização analisado por Van der Ploeg (2008) onde os principais produtos agrícolas se tornaram commodities que circulam pelo mundo controlados por umas poucas companhias internacionais do agronegócio e impérios de distribuição de alimentos, com preços e padrões de qualidade definidos longe dos campos do agricultor.

Contrariando essa tendência, os produtores que integram a Associação Agroecológica de Ouro Fino gozam de maior “espaço de manobra” (Van der Ploeg, 2008), tanto em relação aos insumos utilizados como quanto à colocação de seus produtos no mercado.

A Associação Agroecológica de Ouro Fino (AAOF)

A AAOF nasceu em 1999, como resultado do trabalho de dois profissionais ligados, na época, à administração municipal, que buscavam conscientizar os produtores locais sobre os benefícios econômicos e ambientais de se buscar métodos mais sustentáveis de produção que demandassem menos insumos externos. Os produtores e consumidores interessados nessa proposta começaram a se reunir para almoços periódicos na propriedade do então único produtor orgânico do município. Dessa forma, a associação era inicialmente composta por produtores, consumidores e simpatizantes da proposta, uma situação que mais tarde mudaria para facilitar a certificação dos produtores.

Em 2004 a associação ganhou um novo estatuto e apenas os nove produtores permaneceram. Hoje ela é formada por dezesseis pequenos produtores com área média de 17 ha. Destes, apenas seis podem ser classificados de familiares segundo a definição adotada pelo IBGE. Os demais combinam a atividade agrícola com alguma outra fonte de renda e o trabalho familiar com trabalho permanentemente contratado.

Todos os produtores afiliados à AAOF produzem café, sendo que três combinam a cafeicultura com a produção de vegetais e os restantes com a produção de frutas, milho e feijão, para consumo próprio e venda, pequenos animais, abelhas e algum gado. A diversificação é imperativa para a sobrevivência econômica desses produtores. A princípio, os produtos, certificados como orgânicos, eram vendidos em pequenas bancas no mercado municipal, mas desde 2008 a AAOF tem um posto permanente de venda na feira ecológica de Campinas/SP, distante aproximadamente 130 Km de Ouro Fino. Sair do município colocou os produtores em contato com o comércio brasileiro de produtos orgânicos e agroecológicos, com o debate nacional sobre a regulamentação da produção orgânica e, mais recentemente, com o sistema de certificação participativa.

Durante as primeiras semanas, as vendas na feira de Campinas não ultrapassavam R\$ 500,00 por semana para o conjunto dos produtores participantes. Mas dezoito meses após seu início, essas vendas haviam se multiplicado por quatro, o que permitiu que o grupo comprasse um veículo Kombi usado, no final de 2009. Atualmente os produtores discutem as vantagens de transformar a associação em uma cooperativa, o que permitiria uma comercialização mais ampla dos produtos e a criação de uma marca própria. Em 2010, a antiga certificadora, a alemã BCS ÖKO, não conseguiu se cadastrar junto ao Ministério da Agricultura para conseguir o credenciamento que permite a utilização no selo de orgânico nos produtos por ela certificados, e os produtores da AAOF migraram para a Ecocert e para a ANC, (Associação de Agricultura Natural de Campinas e Região) buscando manter tanto o acesso ao mercado internacional, importante para os produtores de café, como a participação no sistema de certificação coletiva e participativa proposto pela ANC.

Os produtores da AAOF tem liberdade para vender o seu café onde desejarem, mas boa parte da produção é comercializada através da COOPFAM (Cooperativa de Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região), localizada em torno de 150 km de distância, que faz parte da Fair Trade Labeling Organisation (FLO).

Os ganhos econômicos decorrentes da inserção em diferentes mercados têm propiciado uma melhoria de vida modesta, porém consistente, entre os participantes da AAOF, uma maior diversificação da produção, e um debate constante a cerca dos novos rumos a serem seguidos. A AAOF participa hoje do circuito curto da comercialização local, de um circuito intermediário representado pela feira de Campinas e de um circuito longo na forma do mercado interno e externo de café. Ou seja, os produtores conseguem participar de circuitos longos e curtos de distribuição, muitas vezes apoiados por relações sociais vitais para a construção de mercados baseados na confiança mútua (Wilkinson, 2008).

Mas apesar dos ganhos que representou a mudança na base técnica de produção para os produtores da AAOF, seu número continua modesto, o mesmo ocorrendo com sua habilidade em atrair novos participantes. A seguir será descrita a pesquisa que buscou aferir as razões que motivaram a adesão a um sistema agroecológico de produção pelos membros da AAOF e os principais motivos inibidores da participação de novos produtores.

Metodologia

Na pesquisa realizada no início de 2010 foram entrevistados os dezesseis produtores

membros da AAOF e igual número de produtores familiares convencionais do município de Ouro Fino, que têm contato ou relações de parentesco com os agroecológicos. Foram ouvidos também consumidores dos produtos da AAOF em Ouro Fino e Campinas. O questionário semi-aberto aplicado junto aos produtores levantou dados sobre o sistema produtivo e as motivações pessoais que levaram à transição agroecológica ou que geram uma descrença quanto aos seus benefícios.

Resultados e discussão

Os produtores membros da AAOF podem ser divididos em quatro categorias segundo seu perfil e principais argumentos propulsores da mudança para um manejo agroecológico:

- produtores que, embora tenham uma origem rural, passaram algum tempo se dedicando a outras atividades e acalentavam o desejo de uma volta, mesmo que parcial, a uma atividade agrícola que fosse ambientalmente mais sustentável. Esses produtores tinham interesse ou estavam envolvidos em algum tipo de movimento alternativo.
- antigos agricultores convencionais que enfrentaram problemas de saúde decorrentes do uso de agrotóxicos, principalmente em culturas de tomate e alho. A transição para um manejo agroecológico significou, nesse caso, a possibilidade de permanecer na atividade sem colocar em risco a saúde.
- produtores atraídos pela possibilidade de ganho econômico representado pelo mercado de orgânicos. Esse grupo tem como principal motivação uma maior agregação de valor ao seu produto. São os que mais facilmente desistem quando o retorno financeiro esperado não se realiza.
- agricultores em busca de alternativas financeiramente viáveis para suas pequenas propriedades. Parte desses produtores não exercia atividade agrícola anteriormente e expressaram o desejo de um manejo diferenciado da propriedade adquirida ou herdada.

Por outro lado, os motivos alencados para justificar a falta de interesse em um manejo agroecológico também podem ser colocados em quatro categorias:

- o risco de uma diminuição da produtividade, sobretudo do café, com a eliminação do uso de fertilizantes químicos de alta solubilidade. É verdade que a maioria dos produtores da AAOF experimentou uma diminuição em produtividade e busca constantemente meios para reverter essa situação. Nesse sentido, a AAOF sofre com a ausência de uma assistência técnica especializada no cultivo agroecológico.
- um aumento dos custos de produção representado pela maior demanda de mão-de-obra. A proibição do uso de herbicidas foi apontada como uma das maiores dificuldades para a transição para um manejo orgânico.
- a incerteza quanto ao acesso a um mercado que possibilite um retorno financeiro que compense uma diminuição na produção. Para esses produtores o mercado de orgânicos aparece como menos consolidado que o mercado convencional.
- as dificuldades em seguir a legislação de certificação. É verdade que nem sempre é fácil seguir as normas acordadas para a certificação de produtos orgânicos e os produtos agroecológicos, por sua vez, não contam com legislação específica. Tampouco são sempre fáceis as relações de certificadoras e inspetores com os produtores. Ademais, submeter-se a um conjunto de normas limita a liberdade que os produtores julgam gozar no sistema convencional.

Ou seja, a chamada modernização da agricultura criou parâmetros de produtividade e de práticas agrícolas altamente dependentes de inputs externos, difíceis de serem

quebrados.

As propriedades dos produtores agroecológicos se apresentaram bem mais diversificadas e ambientalmente equilibradas, o que vem se refletindo na qualidade do café e hortaliças produzidos, que gera muitos elogios e até mesmo um prêmio de qualidade para o café.

No entanto, para continuar a crescer a AAOF precisa conjugar as experiências e as conquistas acumuladas em seus doze anos de existência, como o acesso a novos mercados, com um leque mais amplo de alianças com institutos de pesquisa e ensino e buscar ganhar mais visibilidade e voz ativa na definição das diretrizes para o desenvolvimento rural sustentável da região. Mas ainda que vários produtores tenham apontado ou reconhecido essa necessidade, o dia a dia das tarefas agrícolas e não agrícolas deixa pouco ou nenhum espaço para a inserção desses produtores em outras esferas complementares à esfera da produção propriamente dita.

Bibliografia Citada

IBGE. Censo Agrom pecuário 2006. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Agropecuario_2006/agri_familiar_2006/. Acesso em julho de 2010.

SILVEIRA, M. A.; MARQUES, P. E. M. Desenvolvimento territorial e multifuncionalidade da cafeicultura familiar no Sul de Minas Gerais. In: CAZELLA, A. A.; BONNAL, P.; MALUF, R.S (organizadores). **Agricultura Familiar: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X., 2009.

VAN DER PLOEG, J. D. **Camponeses e Impérios Alimentares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

WILKINSON, J. **Mercados, Redes e Valores**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008